REPORTORIO - COMICO-DRAMATICO

DO THEATRO PORTUGUEZ

DO

GYMNASIO.

JORNAL

DE

COMEDIAS E DRAMAS

N.º 2

AS PEQUENAS MISERIAS.

LISBOA,

TYPOGRAPHIA LISBONENSE DE AGUIAR VIANNA.

Rua d'Atalaya N.º 31.

1854.

AS PEQUENAS MISERIAS.

FARÇA EM UM ACTO,

IMITADA DO FRANCEZ

POR RICARDO JOSÉ DE SOUSA NETO.

REPRESENTADA NO THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO, EM 21 DE AGOSTO DE 1849.

PERSONAGENS.	ACTORES.
PANCRACIO DAS NEVES, *proprietario.*	Sr. MONIZ.
RAYMUNDO DA SILVA, *seu amigo*.....	,, MARQUES.
A SENHORA AGUIAR, *Viuva de 30 annos.*	Sr.ª MARGARIDA LOPES.
SUZANA, *Criada de Pancracio*.....	,, EMILIA CANDIDA.

A scena passa-se em Lisboa, em caza de Pancracio. — Época na actualidade.

ACTO UNICO.

O Theatro representa uma sala. A' esquerda o quarto de Pancracio, á direita o de Raymundo. — Uma janella do lado direito, um fogão do lado esquerdo; uma meza de pé de galo, em cima da qual está uma bandeja com chicaras, bule de porcelana, etc. — Uma meza, cadeiras, poltronas. — No fundo á direita a entrada para a cozinha.

SCENA 1.ª

PANCRACIO = SÓ.

Ao levantar do panno, ouve-se o som de uma flauta, e de uma rebeca pessimamente tocadas.

PANCRACIO, (*Saindo do seu quarto, com um chambre, que o cobre até aos pés, e um barrete na cabeça*) Quando acabará esta symphonia do inferno?... Em toda a noite não dormi duas horas!... Tenho umas dores de cabeça insupportaveis!... Hoje infallivelmente heide procurar o senhorio, pedir-lhe que ponha no meio da rua estes dois tratantes... dizem que são estudantes... são dois estroinas de primeira classe!... depois que estes dois demonios se mudaram para aqui, nunca mais tive socego! (*Cessa a musica*) Ora graças a Deos, creio que acabaram... É preciso muita paciencia para se viver neste mundo; para supportar uma immensidade de fatalidades, que parecem seguir-nos por toda a parte!... Eu principalmente, não ha dia em que me não succedam mil pequenos infortunios... pequenas miserias... que me perseguem, que me acontecem... Tornar-me-hei a deitar; vejamos se consigo dormir alguma cousa... socegar esta cabeça... (*No momento em que vae a entrar para o quarto, ouvem-se os sinos de uma igreja proxima, tocando a fogo*) Bravo, bravo!... era o que me faltava! (*Os sinos continuam, a flauta e a rebeca ouvem-se novamente*) E agora?... que me dizem a isto? tenho ou não tenho razão?... será isto peior que o inferno ou não? (*Senta-se desesperado n'uma poltrona tapando os ouvidos*).

SCENA 2.ª

PANCRACIO E RAYMUNDO.

Raymundo apparece á porta do seu quarto de chambre.

PANCRACIO, Hein?... que dizes a isto?...

RC MNCT 79 NET

RAYMUNDO, Se não fosse esta bulha que me accordou tanto a proposito... corria risco em faltar a um *rendez-vous* importantissimo.

PANCRACIO, Alguma nympha a quem fazes a côrte?...

RAYMUNDO, Exactamente! Não estás tu encarregado de me arranjares uma mulher?... Não me escreveste participando a proxima conclusão d'esse negocio?...

PANCRACIO, (*Embaraçado*) É verdade... eu esperava... e ainda espero...

RAYMUNDO, Digo-te que estou encantado do retrato que me fizeste da viuva Aguiar.

PANCRACIO, (*Aparte*) Estou n'um supplicio!...

RAYMUNDO, Um caracter sem defeitos, uma casa sem hypothecas, uma mulher bem fabricada, com uns olhos lindos... fallando correctamente, o que ainda no nosso paiz se não encontra com facilidade... a maior parte das nossas bellas, perdem sempre 30 a 40 por cento, em abrindo a bôcca... Em fim, meu caro Pancracio, quero que hoje mesmo me apresentes a minha futura.

PANCRACIO, Não sei se sabes, que eu tambem estou resolvido a casar-me.

RAYMUNDO, Devéras! tanto melhor, casaremos no mesmo dia... porém estou admiradissimo; parece-me ter percebido...

PANCRACIO, O quê?...

RAYMUNDO, Já vejo que me enganei; porém vi que olhavas para a tua criada de certa maneira...

PANCRACIO, Suzana?...

RAYMUNDO, É fazenda de lavar e durar. . e...

PANCRACIO, Nem mais uma palavra a esse respeito... Uma rapariga que está aqui ha 15 ou 20 dias... isso é horroroso... julgares logo... em eu casando farei calar a maledicencia.

RAYMUNDO, Não faças caso...

PANCRACIO, Nada, nada; não quero servir d'alvo a uma multidão de interpretações... Bem sei que és incapaz... porém outros podem repetir... e ser-me-hia mui prejudicial... no momento em que espero aquella que deve ser minha esposa.

RAYMUNDO, Esperas por ella?...

PANCRACIO, Sim, meu caro; ella condescendeu em vir visitar a habitação, que brevemente deve affermosear com a sua presença.

RAYMUNDO, Visitar um homem solteiro... é natural que seja alguma viuva?

PANCRACIO, Sim... é provavel...

RAYMUNDO, E ella gosta de ti?...

PANCRACIO, Por um acaso! É um casamento de conveniencia... um casamento improvizado, para assim dizer. Quero finalmente reformar os meus habitos... um celibatario podia impunemente desprezar as modas... mas um noivo...

RAYMUNDO, Percebo... um noivo é mister que se apresente com certa elegancia, certo ar seductor... finalmente é preciso que appareças como um *dandy*.

PANCRACIO, Mandei fazer um fraque, e a esse respeito necessito de ouvir a tua opinião. (*Chamando*) Suzana! Suzana!

RAYMUNDO, Eu agora preciso sahir, e não posso demorar-me.

PANCRACIO, Eu tambem sáio; mas quero que vejas o meu fraque de conquista... Suzana... olha lá se ella vem! (*Toca a campainha*).

RAYMUNDO, Talvez que ainda se não tenha levantado... tu tambem és tão impaciente!...

PANCRACIO, Qual impaciente, nem meio impaciente... tu não sabes que cousa são criados... olha lá se ella vem!... (*Tocando a campainha e gritando*) Suzana! Suzana!...

SCENA 3.ª

OS MESMOS E SUZANA.

SUZANA, (*Entra abrindo a bocca*) Quem me chama?...

PANCRACIO, (*Impaciente*) Ha mais d'uma hora que estou a chamar-te... tenho gritado, berrado, tocado a campainha mais de cem vezes!...

SUZANA, E para que?...

PANCRACIO, (*Como acima*) Veio o alfaiate?...

SUZANA, Veio, sim Senhor.

PANCRACIO, (*Como acima*) Trouxe alguma cousa?...

SUZANA, Trouxe um sacco... não sei o que n'elle vem. (*Sáe*)

PANCRACIO, (*A Raymundo*) Vaes vêr um figurino.

SUZANA, (*Trazendo um sacco*) Aqui está o sacco, V. S.ª estava já bem necessitado de uma encadernação!...

PANCRACIO, (*Abrindo o sacco e tirando*) Um collete branco. (*Mostrando a Raymundo*) A graça, a perfeição d'isto!... (*Tirando do sacco*) Eis aqui o fraque; ajudem-me; não estou costumado... um fraque da ultima moda... deve por força estar como uma luva. Vejamos! pega n'isso... (*Suzana levantando o fraque*) Mais baixo! (*Suzana abaixa-o*) Mais alto!... sempre é preciso ter muita paciencia!...

SUZANA, Diz-me mais alto, e depois mais baixo.

PANCRACIO, Calla-te, calla-te; venha a manga.

SUZANA, Qual d'ellas?

PANCRACIO, Uma, seja qual fôr.

SUZANA, Aqui está uma.

PANCRACIO, (*Vestindo a manga pára repentinamente.* Isto só no inferno! A manga da camiza a subir-me pelo braço acima!... (*A Suzana*) não viste que o punho desta camiza não tinha botão?... (*Abaixando a manga da camiza*).

RAYMUNDO, Tu tambem queres tudo a galope.

PANCRACIO, Não ha ninguem mais infeliz com os criados do que eu. (*A Suzana*) Estás ahi?...

SUZANA, Sim, meu senhor.

PANCRACIO, (*Depois de vestir o fraque*) E esta agora não é melhor?... Vejam isto... vejam isto!.. largo por este feitio!... (*Unindo-o adiante, e mostrando tudo quanto sobeja*).

SUZANA, Fazendo-se duas ou tres pregas...

PANCRACIO, Pregas!... Queres que me apresente com um fraque cheio de pregas?!... (*Desesperado e passeando pela casa*) Como este maroto adquirio fama é que eu não sei!... Em vindo ahi o Alfaiate (*A Suzana*) entrega-lhe isso; dize-lhe que está uma porcaria; que o não quero, e que lh'o não pago!...

RAYMUNDO, Pobre Pancracio... (*Examinando o fraque*) É impossivel que este fraque me não sirva... e demais a mais, eu não tenho as tuas pretenções...

PANCRACIO, Pois, se queres, ahi o tens.

SUZANA, Ah! é verdade!... já me hia esquecendo... Hontem veio aqui uma senhora procurar o senhor Pancracio das Neves.

PANCRACIO, Uma senhora?...

SUZANA, Disse-me que se chamava...

PANCRACIO, Está bom, está bom...

SUZANA, Pedio-me varias informações a seu respeito.

PANCRACIO, A meu respeito?...

SUZANA, Sim, senhor, disse-lhe que V. S.ª era... muito... muito bôa pessoa...

PANCRACIO, Está bom, está bom...

SUZANA, Disse-me que se chamava... que se chamava... (*Como que lembrando-se*) é verdade! deixou-me esta carta.

PANCRACIO, Uma carta!... (*Tirando-lha arrebatadamente*) Acabaste por onde devias ter começado!... (*A'parte*) Morre por fallar!... (*A Raymundo*) Com licença (*A'parte, lendo a assignatura*) D. Eufemia d'Aguiar... logo me quiz parecer... (*Lendo a carta*) « Senhor, antes de con- « cluir... quiz tomar algumas informações; « não quero que alguem soffra com a « nossa união... A sua criada elogiou-o « de tal forma... disse-me que V. S.ª a « tratava com tanta bondade, com tanta « affeição... » sublinhado... « disse-me que « gostava muito de V. S.ª... » Que quererá isto dizer?... (*Alto*) Suzana!...

SUZANA, Senhor.

PANCRACIO, Então que disseste tu á tal senhora?...

SUZANA, A tal senhora... eu não lhe disse nada.

PANCRACIO, Tu fallaste com ella a meu respeito.

SUZANA, Ah! é verdade... disse-lhe que V. S.ª era muito bôa pessoa, muito generozo, e que eu gostava muito de V. S.ª...

PANCRACIO, E quem és tu para gostares de mim? quem te pedio que disseses que eu era bom? que motivos tens tu para dizeres que eu sou generoso?...

SUZANA, Eu é verdade que disse isso... por que...

PANCRACIO, Por que és uma tôla!

SUZANA, Tôla!...

PANCRACIO, Fallas pelos cotovêllos... quem muito falla, muito erra... quem te ouvir ha-de julgar... ha-de persuadir-se... ha-de accreditar...

SUZANA, O que, o que, senhor?...

PANCRACIO, Pergunta ahi ao senhor Raymundo, que tambem esta manhãa julgava...

SUZANA, Tambem julgava?...

PANCRACIO, Julgava...

SUZANA, O que?...

PANCRACIO, D'aqui por diante, não quero que me faças o mais pequeno elogio.

SUZANA, Esteja descançado.

RAYMUNDO, Encolerisaste-te sem motivo..

PANCRACIO, Sem motivo... póde muito bem ser, que por causa d'ella... Vejámos o fim desta carta...

SUZANA, (*A Raymundo*) Então que julgava V. S.ª?...

RAYMUNDO, Nada... rapariga... nada...

PANCRACIO, (*Lendo áparte*) « Não quero « decidir-me sem estar bem ao facto des- « te negocio... e á manhã tenciono diri- « gir-me a sua caza, para exigir-lhe uma « explicação. » (*Representando, áparte*) Confesso que não sei o que hei-de fazer; Raymundo d'um lado, e do outro aquella conciliação a Santa Izabel... eu já não me fio em ninguem... o meu procurador é muito bom, está muito acreditado, porém eu depois que o encontrei de carrinho, tenho-me posto de pé atraz... (*Reflexionando*) Nada, quero assistir por força áquella conciliação... Suzana, as minhas botas.

SUZANA, As novas?...

PANCRACIO, Pois ellas já vieram?...

SUZANA, Já, sim Senhor.

PANCRACIO, E fizeste ao Çapateiro aquel-

a recomendação... disseste-lhe, que gosto de calçado á vontade?...

Suzana, Nem de tal cousa me lembrei!...

Pancracio, A ti nada te lembra!... Venham as botas. (*Encolerisando-se*) Tambem se não lembra aonde as pôz?... Vamos, muito depressa, a correr!... (*Suzana sae*).

SCENA 4.ª

Raymundo e Pancracio.

Raymundo, Não sei como ainda encontras quem queira servir-te!...

Pancracio, Não podes imaginar quanto lhe soffro!... é preciso repetir-lhe as cousas trinta mil vezes!...

Raymundo, Tens um modo muito aspero, encolerisas-te por qualquer ninharia.

Pancracio, Deos me livre do teu sangue frio... Que julgas tu?... N'esta casa não se faz nada, anda tudo torto... As minhas camizas sem botões; as ceroulas sem fitas; o meu fato nunca se escova... e queres tu que eu não seja aspero... e que não me encolerise...

Raymundo, Tudo isso são cousas que nada valem, pequenas miserias!

Pancracio, Pequenas miserias, eis-ahi exactamente a funesta denominação!... Nas grandes desgraças ha quasi sempre quem nos console, arrostamos com ellas, resestimos contra ellas; e além disso são raras, ha sempre tempo de se preverem, e de se esquecerem. Porém essas pequenas miserias que se apoderam de nós todos os dias, apenas saltamos da cama, e que até mesmo nos não deixam quando dormimos... Quando dormimos, ameaça-nos um pezadêlo, pequena miseria sem duvida, porém pequena miseria que atormenta, que causa febre... quando acordamos temos os olhos encovados, o sangue grosso, e o corpo cheio de dores... Acabado este estado terrivel, entramos na vida normal; uma serie imprevista de pequenas circumstancias, de pequenas contrariedades, de pequenas miserias vem accommetter-nos... as fitas do collete que arrebentam... os suspensorios arrancam os botões das calças, e nos collocam n'um precipicio!... O relogio que nos pára... tudo isso é nada, bem o sei; bem ou mal vestimo-nos, e sahimos... n'um regato, ficamos salpicados de lama, pequena miseria... o vento leva-nos o chapéo, e faz-nos correr um pouco atraz d'elle; um pedreiro cobre-nos de cal e areia; pica-nos um insecto; damos uma topada; arranha-nos um gato, cega-nos a poeira, etc etc, tudo isso são pequenas miserias, mas pequenas miserias, que apoquentam, que irritam, que desesperam!... As grandes desgraças castigam-nos a punhal, e as pequenas miserias, assasssinam-nos como alfinetes, soffremos por mais tempo, eis-aqui toda a differença.

Raymundo, N'esse ponto, meu amigo, sou philosopho, encaro as cousas como ellas são.

Pancracio, Já vejo que não é sangue que corre nas tuas veias... é orchata... é limonada...

Raymundo, Será o que quizeres... porém o que é incontestavel, é que tu tens um genio insoffrivel...

Pancracio, Insoffrivel, pois não... Vê lá se ella me traz as botas... E digam que isto não é de proposito!...

Raymundo, É necessario dar-lhe tempo.

Pancracio, (*Aparte*) Forte pedaço d'asno!...

SCENA 5.ª

Os mesmos e Suzana

Suzana, (*Trazendo as botas*). Ei-las aqui!

Pancracio, Vamos, vamos, estou farto d'esperar!...

Suzana, Estão muito bem acabadas.

Pancracio, Parece-me que hão de estar um pouco justas... quando se está para cazar... (*Fazendo esforços, diz para Suzana*). Então ajudas-me, ou não?... *Isto é dito procurando calçar as botas.*

Raymundo, Eu te ajudo... eu tenho um methodo particular de calçar botas (*Ambos puxam com força, a cadeira volta-se, e Pancracio cae de costas*).

Pancracio, Que lesma!...

Raymundo, Se caiste foi culpa tua...

Suzana, É verdade... o Senhor é que foi o culpado...

Pancracio, (*Zangado*) Callem-se, deixem-me; não preciso d'ajudas... (*Para Suzana*) Os meus puxadores?...

Suzana, (*Dando-lhos*) Aqui estão.

Pancracio, Eu só hei-de arranjar-me melhor... (*Fazendo esforsos*) É impossivel que me sirvam... ah! ah! (*Puxa com muita força, e as duas presilhas das botas arrebentam*).

Raymundo, (*Rindo*). Ah! ah! ah! ah!

Suzana, Se não fizesse tanta força...

Pancracio, (*Com uma bota meia calçada, correndo o theatro*) O demonio hoje tomou-me á sua conta... (*Para Suzana*) Has-de mandal-as outra vez para o Capateiro... não as quero, não lhas pago...

Raymundo, É melhor descalçal-as...

PANCRACIO, Não peço, não necessito, não quero conselhos. (*Fazendo esforço para tirar a bota. Ú!... ú!...*

RAYMUNDO, Não a podes descalçar?...

PANCRACIO, (*Desesperado ao ultimo ponto*) E que tal!... Não posso calçal-as, nem descalçal-as!... estou a suar!... Suzana! Suzana! Suzana!

SUZANA, Aqui estou, aqui estou, aqui estou.

PANCRACIO, (*Fatigadissimo*) Traze-me já já um cannivete, uma faca, uma navalha de barba. (*Dizendo estas ultimas palavras faz um esforço, e consegue tirar a bota, dando um respiro*) Ah!... Finalmente saio!... É impossivel que hoje me não corra tudo tarto!...

RAYMUNDO, Tu tambem em parte dás o motivo; nada fazes naturalmente... Eu sou capaz de calçar essas botas... com geito tudo se alcança; se me servirem fico com ellas... porém se me não servirem, tambem não hei de querer calçal-as á força.

PANCRACIO, (*Para Suzana*) A minha sobrecasaca, o meu chapéo. (*Suzana sáe.*)

RAYMUNDO, Eu tambem saio; esperas que eu me vista?...

PANCRACIO, Não.

RAYMUNDO, Vens almoçar?...

PANCRACIO, Sim.

RAYMUNDO, A que horas?...

PANCRACIO, Ás onze.

RAYMUNDO, Bello, cá me acharás... olha que levo as tuas botas, e o teu fraque.

PANCRACIO, Leva até o diabo... (*A'parte*) E os diabos te levem!

RAYMUNDO, É impossivel que estas botas me não sirvam! (*Entra para o seu quarto.*)

SCENA 6.ª

SUZANA E PANCRACIO.

SUZANA, (*Trazendo umas botas velhas, e um chapéo velho*) Aqui tem tudo.

PANCRACIO, Acontecem-me sempre cousas bem extraordinarias!... Convinha-me apparecer com certa elegancia... estou completamente desencadernado!... As horas parece que voam .. Tenho que ir a Santa Izabel a uma conciliação importante... Quero vêr se chego a tempo de receber a visita da viuva Aguiar... Pobre Raymundo! a sua presença incommoda-me .. não sei como hei de descartar-me d'aquelle naipe... as minhas intenções eram puras, porem quem póde responsabilisar-se pelas circumstancias!... e principalmente eu que sou victima das circumstancias!... (*Dizendo estas ultimas palavras, quer vestir a manga da sobrecasaca, porém o braço não póde passar por causa do forro*) Bello, bello!... (*Para Suzana*) O forro desta manga está em bom estado!... (*Endireita a manga*) Que cuidado que esta rapariga tem com o meu fato!... (*A Suzana*) Isto chega a ser pouca vergonha!...

SUZANA, Eu tinha tenção...

PANCRACIO, Calle-se, calle-se!... O meu chapeo.

SUZANA, Está aqui.

PANCRACIO, A minha bengala?

SUZANA, Aqui a tem.

PANCRACIO, Ás onze horas hei de vir almoçar. (*Sáe precipitadamente e fecha a porta zangado.*)

SUZANA, Que homem tão insupportavel!...

PANCRACIO, (*Fóra*) Suzana!... Suzana!...

SUZANA, Meu senhor!...

PANCRACIO, Abre.

SUZANA, (*Indo abrir-lhe a porta*) Esqueceu-lhe alguma cousa?...

PANCRACIO, Não: as abas da sobrecasaca ficaram-me prezas na porta...

SUZANA, (*Examinando a sobrecasaca*) Assim mesmo foi muito feliz!

PANCRACIO, Feliz!...

SUZANA, Apenas um pequeno rasgão.

PANCRACIO, Um rasgão... não importa... não tenho tempo... não posso demorar-me... (*Sáe.*)

SCENA 7.ª

SUZANA = SÓ.

SUZANA, Que homem tão imprudente! ha cousa de cinco ou seis dias não sei ate como elle não teve uma apoplexia!... confesso que nunca na minha vida tive tanto medo!... Eram trez horas da tarde quando veio jantar... parecia-me uma furia!... Estou perdido!... gritava elle: Estou em terra!... fiquei arrasado!... passeava pela casa, puchava os cabellos, e continuava a gritar. « Antes eu queria « quebrar uma perna, do que queria que « sahisse aquelle homem do ministerio!... « toda a minha fortuna está reduzida a « papeis!... não tenho senão papeis!... » e eu pasmada!... n'isto voltava-se para mim: — Se houver um ponto?... se capitalisarem tudo?... não fico a pedir esmolla?... Parecia-me mais um leão, uma furia, do que um homem!...

SCENA 8.ª

SUZANA E RAYMUNDO.

RAYMUNDO, (*Elegantemente vestido*) Prompto!...

SUZANA, Bravo!... Como tudo lhe fica tão bem!...

RAYMUNDO, O fraque está alguma cousa lârgo; porém eu sempre gostei de estar à minha vontade.

SUZANA, E as botas?...

RAYMUNDO, Se tivessem sido feitas de proposito para mim, de certo me não ficariam melhores.

SUZANA, (*Olhando-lhe para as botas*) É verdade.

RAYMUNDO, Até logo.

SUZANA, V. S.ª sáe?...

RAYMUNDO, Vou dar uma volta...

SUZANA, Está começando a chover.

RAYMUNDO, Tomarei uma sege alli ao Loreto. Se o Sr. Pancracio vier primeiro do que eu, dize-lhe que conte com a minha exactidão; aqui me acharei ás onze horas. (*No momento em que vae a sair, abre-se a porta do fundo, e acha-se cara a cara com a viuva Aguiar.*)

SCENA 9.ª

OS MESMOS E A VIUVA AGUIAR.

RAYMUNDO, (*Recuando*) Perdão, minha senhora...

SUZANA, (*A'parte*) A mesma que cá esteve hontem.

VIUVA, O senhor Pancracio das Neves, está em caza?...

RAYMUNDO, Ha pouco que sahio, minha senhora.

VIUVA, sahio? tão cedo!..

RAYMUNDO, Creio que senão demorará... Se a senhora quizer ter a bondade d'esperar...

VIUVA, V. S.ª diz-me, que elle senão demorará?...

RAYMUNDO, Quasi que lhe posso affiançar...

VIUVA, N'esse cazo esperarei.

RAYMUNDO, (*Offerecendo-lhe uma cadeira*) Quer ter a bondade, minha senhora?...

VIUVA, Muito agradecido; porém, V. S.ª hia sahir, e eu não desejo que de fórma alguma se incommode.

RAYMUNDO, Sim, minha senhora, um negocio de bastante importancia... comtudo... deixal-a só!...

VIUVA, Então retiro-me.

RAIMUNDO, Uma vez que assim o exige... (*Cumprimentando*) Minha senhora...

VIUVA, (*Idem*) Meu senhor...

RAYMUNDO, (*Sahindo*) Que mulher tão interessante!...

VIUVA, (*A'parte*) Que homem tão amavel!...

SCENA 10.ª

VIUVA E SUZANA.

SUZANA, (*A'parte*) Que quererá ella a meu amo?... Eu nada sei; tomarei sempre, por cauza das duvidas, muito cuidado em tudo quanto lhe dissér.

VIUVA, (*A'parte*) Esta criada já me deu algumas informações... Vejamos se ella me diz mais alguma couza... (*Alto*) Ha quanto tempo está n'esta caza?...

SUZANA, Ainda não ha um mez, minha senhora.

VIUVA, Admira-me como em tão pouco tempo tenha podido conhecer, tudo quanto hontem me disse relativamente á bondade do caracter de seu amo.

SUZANA, (*A'parte*) Ella comigo...

VIUVA, É preciso realmente que as suas qualidades sejam muito boas, para se manifestarem tão repentinamente.

SUZANA, Uma criada deve sempre dizer bem de seus amos.

VIUVA, Comtudo nunca deve faltar á verdade.

SUZANA, Deve sempre occultar os seus defeitos.

VIUVA, Ah! seu amo tem defeitos?...

SUZANA, Está recheado d'elles.

VIUVA, Devéras?...

SUZANA, Se a senhora soubesse a paciencia, a virtude que é necessario ter... para viver n'esta caza!...

VIUVA, Porém ainda hontem me disse, que seu amo era muito boa pessoa.

SUZANA, Não disse a verdade.

VIUVA, Muito condescente...

SUZANA, Não disse a verdade.

VIUVA, Muito generoso...

SUZANA, Não disse a verdade.

VIUVA, Disse-me que gostava muito delle...

SUZANA, Tambem n'isso não fallei verdade. (*Depois de um momento de reflexão*) Está sempre a ralhar comigo, minha senhora; é um tyranno, que detesto do fundo do meu coração. Se a senhora o conhecesse bem... é um avarento, um despota, um monstro!... (*A'parte*) É natural que meu amo fique contente em sabendo que eu disse isto a esta senhora; ficou desesperado por eu lhe ter feito alguns elogios...

VIUVA, (*A'parte*) Que homem! cada vez estou mais inquieta. (*Alto*) Ora diga-me: que lhe fez elle de hontem para cá?...

SUZANA, O que me fez?... (*A'parte*) Devo por força responder a esta pergunta.

VIUVA, Diga, diga.

SUZANA, Se a senhora soubesse...

VIUVA, (*Dando-lhe uma bolsa*) Diga-me a verdade.

SUZANA, (*Suspirando e mettendo a bolsa na algibeira*) Se a senhora soubesse...

VIUVA, Eu sei guardar um segredo.

SUZANA, Se a senhora promette guardar segredo...

VIUVA, Prometto.

SUZANA, Elle hontem deu-me dois bofetões.

VIUVA, Dois bofetões!...

SUZANA, É verdade, minha senhora, tem esse costume, dá bofetões nas criadas.

VIUVA, Pois é possivel?...

SUZANA, Estou certa, que se fosse cazado, até os daria em sua mulher.

VIUVA, Ah! que horror!... que horror!... já não quero ouvir mais nada a respeito d'esse homem!... (*Sae precipitadamente*).

SCENA 11.ª

SUZANA = só.

SUZANA, Que negocios terá esta senhora com meu amo?... (*Tirando a bolsa da algibeira examinando-a*) Uma moeda!... por este preço, quasi que não ponho duvida em levar dois... e até trez bofetões... Valha-me Deos!... e eu sem cuidar no almoço; ainda tenho que torrar o caffé. (*Sae a correr*).

SCENA 12.ª

PANCRACIO = só.

Entra com um vaso de flôres debaixo do braço; o chapéo está todo amarrotado, e rôto na copa, a sobrecasaca muito salpicado de lama.

PANCRACIO, Horror!... infamia!... e não ha dia nenhum em que me não fallem em progresso, em illustração!... trez ou quatro charlatães, que se inculcam chapelleiros de Pariz, que annunciam chapéos á prova d'agoa, que têem a ousadia de affiançarem que duram um anno, aqui têem... (*Mostrando-o ao publico*) Um mizeravel feltro incapaz de supportar um pequeno vaso de flôres... (*Mostrando o vaso ao publico*) Estou aqui por um milagre... Tudo quanto é extraordinario acontece-me... Ao passar pelo Largo das duas Igrejas... uma sege poz-me n'este deploravel estado!... (*Mostrando a sobrecasaca toda salpicada de lama*) O peior de tudo é que faltei á conciliação... maldita sege!... e se me não engano quem hia dentro d'ella, era o meu amigo Raymundo. Desde que aquelle homem me entrou em caza, tudo me corre tôrto... Suzana! Suzana!... Vejam lá se ella apparece!... Suzana!...

SUZANA, (*Dentro*) Tenha paciencia, agora não posso lá ir, porque estou a torrar o caffé.

PANCRACIO, A torrar o caffé... (*Gritando*) Avia-te!...

SUZANA, (*Dentro*) Estou quasi a acabar...

PANCRACIO, Necessito mudar de fato... realmente... se a viuva Aguiar me surprehendesse n'este estado... (*Despe a sobrecasaca*) Parece-me que sempre ficarei com o fraque... tenho combinado, tenho reflectido melhor... na minha idade, o fato um pouco largo é muito mais conveniente...

SCENA 13.ª

SUZANA E PANCRACIO.

SUZANA, Quer alguma cousa?

PANCRACIO, Quero almoçar.

SUZANA, Almoçar?...

PANCRACIO, E quanto antes.

SUZANA, Quanto antes?...

PANCRACIO, Sim, sim, quanto antes.

SUZANA, Ainda não está prompto.

PANCRACIO, Ainda não?...

SUZANA, O senhor disse que queria almoçar ás 11 horas... são dez e quasi meia...

PANCRACIO, Isto só no inferno!... Estou cançadissimo, tenho fome; porém esta estupida assenta que não devo comer senão ás 11 horas.

SUZANA, Estupida!...

PANCRACIO, Como se o estomago se podesse regular pelo relogio!

SUZANA, Por que rasão me chama o senhor estupida?... Eu não quero que me chamem nomes...

PANCRACIO, (*Sem lhe dar ouvidos*) Uma cousa para eu vestir.

SUZANA, Dirá o que quer.

PANCRACIO, O meu fraque novo.

SUZANA, O senhor Raymundo sahio com elle.

PANCRACIO, Então, que me dizem a isto?... Nem almoço, nem fraque... Dá-me cá uma cousa, seja o que fôr; não vês que em mangas de camiza posso apanhar uma constipação?...

SUZANA, Aqui tem o seu paletot.

PANCRACIO, Um paletot... em fim...

SUZANA, Vou pôr a toalha na meza.

PANCRACIO, Escova-me a sobrecasaca.

SUZANA, (*Largando a toalha*) Sim, senhor.

PANCRACIO, Primeiro que tudo quero almoçar.

SUZANA, (*Largando a sobrecasaca*) Sim, senhor.

PANCRACIO, Pôe a toalha na meza.

SUZANA, É o que vou fazer.

PANCRACIO, E a minha sobrecasaca está escovada?...

SUZANA, Ah! a sobrecasaca, a toalha, o almoço... Olhe o que o senhor deve, é ver se acha uma criada com privilegio de machina de vapôr.

PANCRACIO, (*Senta-se á direita*) Tenho fome, quero comêr.

SUZANA, Em quanto a agua ferve, quero dizer-lhe uma cousa, que julgo hade estimar muito...

PANCRACIO, (*Sem lhe dar ouvidos*) Vamos, vamos, o almoço.

SUZANA, Aquella senhora d'hontem, já cá esteve hoje.

PANCRACIO, (*Levantando-se*) Hein!... a senhora d'hontem?...

SUZANA, Sempre lhe disse cousas!... disse-lhe que o senhor era um avarento, um despota, que ralhava por tudo, e que eu o detestava.

PANCRACIO, Disseste isso...

SUZANA, O senhor de certo não faz idéa d'ametade das cousas que eu lhe disse... até lhe disse que me dava bofetões; que tinha por costume dá-los em todas as criadas, e que se fosse casado era impossivel que os não désse em sua mulher... isto produzio um effeito impagavel!...

PANCRACIO, Eu qualquer dia endoudeço!... é impossivel!

SUZANA, Não se me daria d'apostar em como aquella cataplasma não torna cá a pôr os pés: ande lá que o livrei d'um bom fardo.

PANCRACIO, (*Furioso a Suzana*) Já, já, já no meio da rua.

SUZANA, (*Estupefacta*) Senhor!...

PANCRACIO, (*Com furor*) Se eu só escutasse o meu furôr... porém não... não quero, e por tanto... (*Faz um gesto para dar em Suzana*) Eu sái-o... quando vier não quero vêr-te aqui.

SUZANA, (*Estupefacta*) Mas...

PANCRACIO, Tenho dito (*Dá alguns passos pela casa*) Cada dia uma desgraça, a cada passo uma fatalidade!... (*Sae, e cae pelas escadas abaixo, ouve-se uma grande bulha, como quando cae alguem*).

SCENA 14.ª

SUZANA=só.

SUZANA, Cahio pela escada abaixo; é bem feito! Tratar-me tão mal, depois de eu ter feito o que fiz... Não ha, não ha outro homem como este... sempre colerico, sempre desesperado, sempre intoleravel!... (*Senta-se chorando*).

SCENA 15.ª

SUZANA E RAYMUNDO.

RAYMUNDO, Tudo hoje me tem corrido ás mil maravilhas!... A felicidade parece guiar-me pela mão!... Suzana, que noticias me dás do almoço?...

SUZANA, Vou buscal-o (*Sae*).

RAYMUNDO, Estou pasmado de ver como o progresso e a illustração caminham de braço dado, e a passos largos pelo nosso paiz!... Fui fazer a barba á rua do Ouro, e fiquei de bocca aberta quando vi o meu Barbeiro fallar sobre os ultimos acontecimentos que tiveram logar em Pariz; e sobre tudo fiquei, como vulgarmente se diz, de queixo cahido, quando o vi reflexionar sobre a liberdade da Italia!... O meu Alfaiate nunca me vê que me não pergunte: « Chegou o Paquete?... « Corre como certo que temos uma mo- « dificação, ou recomposição ministerial... « uma nova administração ha-de sem du- « vida dissolvêr o Parlamento... » e eu pasmado!... O meu Çapateiro sabe de côr e salteado a Biographia do General Bougeaud!...

SUZANA, (*Entrando com uma bandeja*) Aqui tem os biffes!

RAYMUNDO, (*Sentando-se á meza*) És uma rapariga como se quer... O senhor Pancracio?...

SUZANA, (*Chorando*) Não quiz almoçar.

RAYMUNDO, Pois eu hei de auguentar com tudo isto?... (*Reparando em Suzana*) Que tens, rapariga?... os teus biffes estão excellentes...

SUZANA, O senhor Pancracio despedio-me.

RAYMUNDO, Despedir uma rapariga, que tem um talento particularissimo para fazer biffes?... o homem está doido!

SUZANA, Que susto que tive, senhor!... Se V. S.ª o visse... entrou desesperado... parecia-me uma furia...

RAYMUNDO, (*A'parte*) É porque já tinha lido os jornaes d'hoje... os da opposição prognosticam uma bancarota, e os do governo mostram a necessidade de uma reforma... Fallar em bancarota, e em reformas a um agiota, equivale a um assassinato.

SUZANA, Despedio-me, e disse que hia almoçar a uma loja de bebidas.

RAYMUNDO, Que idéa formas tu de mim?

SUZANA, V. S.ª a fallar a verdade, sempre me tratou bem.

RAYMUNDO, Queres ser minha creada?
SUZANA, Quero, sim senhor.
RAYMUNDO, Um quartinho cada mez, faz conta?...
SUZANA, Faz, sim senhor.
RAYMUNDO, (*Levando um copo á bôca*) É negocio que está feito. Porém que é isto que está aqui n'este copo?... (*Atira com o que tem o copo para o lado da porta, e Pancracio, que entra n'esse momento, recebe tudo nas pernas.*

SCENA 16.ª

OS MESMOS E PANCRACIO.

PANCRACIO, Oh!...
RAYMUNDO, Ah!...
SUZANA, (*A's gargalhadas*) Ah! ah! ah!
PANCRACIO, Inferno!...
RAYMUNDO, Não o fiz por querer.
PANCRACIO, Tambem era o que faltava.
RAYMUNDO, Não julgues...
PANCRACIO, Eu julgo... julgo que os homens e os acontecimentos estão de mãos dadas... até o mariola do rapaz da loja de bebidas assentou que devia divertir-se comigo: (*Imitando a voz do rapaz*) « Eu já o sirvo, meu senhor... já o sirvo... » Esperei quasi uma hora, e acho-me ainda em jejum. Estou fraquissimo, e morto de fome. (*A Suzana*) Vamos! são onze horas... põe o almoço na meza; já deve estar prompto. (*Suzana olha para elle, vae sentar-se n'uma cadeira, e nada responde.*
RAYMUNDO, (*Puchando pelo relogio*) São onze horas e meia, meu caro.
PANCRACIO, Melhor ainda; os biffes devem estar promptos!...
RAYMUNDO, Já foram comidos, meu caro.
PANCRACIO, Comidos!...
RAYMUNDO, Ficou ainda...
PANCRACIO, O que?...
RAYMUNDO, Um pouco de mólho.
PANCRACIO, Isto só no inferno!...
RAYMUNDO, Disseste que hias almoçar a uma loja de bebidas!...
PANCRACIO, (*A Suzana*) Vamos! arranja-me seja o que fôr; tenho fome, estou a cahir de fraqueza, quero comer!
SUZANA, (*Com ar de escarneo, e cantando*) Estou farta, de o aturar...
PANCRACIO, Ouves ou não?...
SUZANA, Já o não posso supportar.
PANCRACIO, Que me dizes a isto?...
RAYMUNDO, Digo-te que ella tem uma bella voz.
PANCRACIO, (*Desesperado*) Uma bella voz... (*Com força*) Suzana quem sou eu n'esta caza?
SUZANA, (*Idem*) Uma especie.
De catavento
Muito, muito,
Rabugento!...
PANCRACIO, (*Fóra de si*) A minha vontade era matal-a!...
RAYMUNDO, E o entêrro não custa dinheiro?...
PANCRACIO, (*Levantando o braço*) Já não sei onde estou!... já não a vejo!...
RAYMUNDO, (*Detendo-o*) Então brincas?...
SUZANA, (*Pegando, e levantando a cadeira em que estava sentada*) Veja lá em que se mette!...
PANCRACIO, Em minha caza!... o grito da revolta levantado por uma creada!...
SUZANA, Eu já não sou sua creada... (*Apontando para Raymundo*) eis-aqui o meu amo!
PANCRACIO, Pois até a minha creada!...
RAYMUNDO, Despediste-a vi-a chorar...
PANCRACIO, Só no inferno!... (*Raymundo e Suzana entram no quarto á direita*).

SCENA 17.ª

PANCRACIO SÓ, DEPOIS SUZANA.

PANCRACIO, (*Correndo o theatro a passos largos*) Foram-se!... fizeram bem. Por um triz que me não deitei a perder! Isto assim não póde continuar! (*Ouve-se a campainha da porta da escada*) Quem será?... A viuva Aguiar, talvez... Recebêl-a n'este estado... (*Chamando*) Suzana!...
SUZANA, Que temos?...
PANCRACIO, Tocaram á campainha. (*Tocando outra vez*).
SUZANA, Tem razão, diz muito bem!...
PANCRACIO, Vae abrir...
SUZANA, (*Abrindo a porta á direita*) O senhor espera vizitas?...
RAYMUNDO, (*Dentro*) Não.
SUZANA, Então quem quizer que abra. (*Entrando no quarto á direita*).
PANCRACIO, Pouca vergonha!... eu os ensinarei... (*A campainha toca com mais força*) Ahi vae!... Ahi vae!...

SCENA 18.ª

PANCRACIO E A VIUVA AGUIAR.

PANCRACIO, (*Cumprimentando-a, e fazendo-se amavel*) Minha senhora...
VIUVA, Queira desculpar-me; a corda da campainha ficou-me na mão.
PANCRACIO, (*A'parte*) Que brutalidade!...
VIUVA, A sua creada sahio?...
PANCRACIO, Despedi-a, minha senhora.
VIUVA, Despedio-a!... porque?...

PANCRACIO, Por ter dito muito mal de mim a V. S.ª.

VIUVA, Ah! V. S.ª soube...

PANCRACIO, Tudo, minha senhora; e espero que não accreditará... (*A' parte*) Valha-me Deos!... arrebentaram-me os suspensorios!...

VIUVA, Esteja certo que não acredito; tomei informações que o justificam.

PANCRACIO, Que felicidade!...

VIUVA, É verdade que cheguei a formar muito máo conceito de V. S.ª... porém está plenamente justificado.

PANCRACIO, A sua bondade, minha Senhora, chega aconfundir-me! (*A' parte*) Que posição tão incommoda!...

VIUVA, Por isso não hesitei em reparar uma injustiça involuntaria... a prova está na minha visita; estes papeis sem duvida que lhe hão-de ser necessarios para a publicação dos nossos banhos... não quiz esperar que V. S.ª os fosse buscar, quiz eu mesma trazêr-lhos.

PANCRACIO, Estou realmente confundido minha Senhora!... (*A' parte puchando, e segurando as calças*) Ambos os supensorios arrebentados!...

VIUVA, Já creio que expuz a V. S.ª os motivos que me obrigam a contrahir segundas nupcias... os interesses d'uma fortuna...

PANCRACIO, (*Puchando as calças*) De certo, minha Senhora, pois não.. (*A' parte*) Estou n'um precipicio!...

VIUVA, O acaso fez com que eu tivesse a fortuna de conhecer a V. S.ª... um seu amigo segundo me disse, tinha-o encarregado de arranjar-lhe um casamento; o retrato que d'elle me fez, reunia todas as qualidades necessarias para um bom chefe de familia, e quando depois V. S.ª me disse, que esse retrato era o seu... com quanto eu o não achasse bem parecido, julguei com tudo, que não devia repellir o original.

PANCRACIO, (*A' parte*) Estão-me quasi a cahir.

VIUVA, Tem alguma cousa? Acha-o um pouco desassocegado...

PANCRACIO, Nada, minha Senhora... estava vendo... É a sua certidão d'idade?... (*Dizendo estas palavras aperta a fivella da calça*).

VIUVA, Exactamente.

PANCRACIO, (*A' parte*) Apertei a fivella... tem-me feito suar!... (*Examinando a certidão*) Este appellido de Xavier de Magalhães!... conheci uma familia... mas persuado-me, que a Senhora não tem parentesco algum com ella.

VIUVA, Talvez.

PANCRACIO, Oh! não; conheci um Xavier de Magalhães... de pessima condição... um jogador... morou muitos annos no Arco do Bandeira...

VIUVA, Era meu irmão.

PANCRACIO, (*A' parte*) Valha-me Deos!...

VIUVA, Deu bastantes desgostos á minha familia.

PANCRACIO, Conheci outro Xavier de Magalhães... um tratante da primeira classe!... uma lingoa como uma navalha de barba... era advogado... tinha escriptorio na Travessa da Palha...

VIUVA, Esse era meu thio.

PANCRACIO, (*A' parte*) Eu em abrindo a bôcca...

VIUVA, Era um homem de muito talento.

PANCRACIO, Perdão, perdão; n'esse escriptorio haviam dois advogados... Póde ser que confundamos... fallo d'aquelle que arruinou uma grande caza, que havia d'um celebre morgado de Palma... um tal Agapito Xavier de Magalhães.

VIUVA, Era meu pae!

PANCRACIO, (*A'parte*) O demonio hoje ainda se não fartou! (*Senta-se repentinamente na cadeira em que a Viuva pôz o seu chapéu*) Isto é para endoidecer!...

VIUVA, O meu chapéu!...

PANCRACIO, Valha-me Deus!... (*Levanta-se, recúa espantado, deita por terra a meza de um pé só, quebra o aparelho de porcelana, e sae precipitadamente como um doido*).

SCENA 19.ª

VIUVA, DEPOIS RAYMUNDO E SUZANA.

VIUVA, Nem mais um instante me quero demorar em similhante caza.

RAYMUNDO, (*Apparecendo á porta do seu quarto*) Que estrondo foi este?...

SUZANA, Temos pancadaria?...

RAYMUNDO, (*Vendo a Viuva*) Que vejo!

SUZANA, Sempre tive um susto!...

VIUVA, (*Para Raymundo*) V. S.ª ouvio?...

RAYMUNDO, Ouvi um estrondo...

VIUVA, (*Mostrando o apparelho quebrado, etc.*) Tudo isto fez o senhor Pancracio... persuado-me que naquella cabeça ha já um tal ou qual desarranjo. (*Cumprimentando para sahir*) Meu senhor...

RAYMUNDO, Está começando a chover, minha senhora.

VIUVA, Tomarei uma sege.

RAYMUNDO, Se a senhora se não quer incommodar, eu mesmo lh'a vou buscar...

VIUVA, Muito agradecida, meu senhor. (*Suzana sáe*).

RAYMUNDO, Estimarei muito, minha senhora prestrar-lhe algum serviço.

VIUVA, (*A'parte*) Que homem tão attencioso!...

RAYMUNDO, Estou admiradissimo do meu amigo Pancracio...

VIUVA, Calumnias tão infames sobre a minha familia!...

RAYMUNDO, Que diz, minha senhora?...

VIUVA, Accusações cuja falsidade, Lisboa toda póde attestar!...

RAYMUNDO, O appellido da sua familia, minha senhora?...

VIUVA, Xavier de Magalhães.

RAYMUNDO, Xavier de Magalhães!... conheci dois advogados d'esse mesmo appellido... gozavam ambos da mais honrosa reputação... dois profundos jurisconsultos... Agapito Xavier de Magalhães, foi sem duvida o primeiro advogado do seu tempo... tinha por signal uma menina, que promettia ser uma formosura...

VIUVA, Era eu.

RAYMUNDO, Ah! é cazada, minha senhora?...

VIUVA, Sou viuva, meu senhor.

RAYMUNDO, De quem, minha senhora?...

VIUVA, Do tenente coronel Aguiar.

RAYMUNDO, Aguiar!...

VIUVA, Porque é essa surpreza?...

RAYMUNDO, A senhora está para cazar comigo.

VIUVA, Eu!...

RAYMUNDO, (*Appresentando-lhe umas cartas*) Peço-lhe que leia estas cartas, minha senhora; veja como o meu amigo Pancracio n'ellas me falla das suas excellentes qualidades; eu já a amava sem a conhecer.

VIUVA, (*Depois de ler duas ou trez cartas*) Um sem numero de perfidias e enganos!...

RAYMUNDO, Espero que esta linda mão...

VIUVA, É sua desde já.

RAYMUNDO, (*Cahindo a seus pés*) Ah!...

SCENA 20.ª E ULTIMA.

OS MESMOS E PANCRACIO.

PANCRACIO, Que vejo!...

VIUVA, (*A Raymundo*) Senhor...

RAYMUNDO, (*A Pancrcio*) Agora mesmo acabo de saber quanto te devo.

PANCRACIO, Que quer isso dizer?...

RAYMUNDO, Muito te agradeço o incommodo que tens tido para me arranjares um bom cazamento; tenho o prazer de apresentar-te a minha futura esposa.

PANCRACIO, (*Estupefacto*) Tua esposa!...

RAYMUNDO, Não foste tu que m'a escolheste?...

PANCRACIO, (*Desorientado*) Percebo... percebo... caza-te muito embora, mas põe-te quanto antes no meio da rua... Tomaste posse das minhaa botas, do meu fraque, da minha criada, do meu almoço, e agora tambem te faz conta aquella que eu destinava para minha mulher...

RAYMUNDO, (*Atacando*) A culpa foi tua.

PANCRACIO, (*Como acima*) Sim!... (*Pegando-lhe no braço*) Fresco, antes que tambem te lembres de me occupar em alguma cousa para teu regalo.

FIM.

LICENÇA DA INSPECÇÃO GERAL DOS THEATROS.

Póde representar-se no Theatro do Gymnasio a Farça em um acto = *As pequenas mizerias.* =

Inspecção Geral dos Theatros, em 1.º d'Agosto de 1849.

O Secretario,
Carlos da Cunha e Menezes.

DECLARAÇÃO.

Os direitos d'author d'esta Farça, na conformidade da lei de Propriedade Litteraria, pertencem ao Sr. Ricardo José de Sousa Neto, seu imitador, sem licença do qual não poderá a mesma ser representada em theatro algum publico do reino de Portugal, e seus Dominios.

RÓMULO
CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA
1329754855

REPORTORIO COMICO E DRAMATICO

DO

THEATRO PORTUGUEZ DO GYMNASIO.

JORNAL DE COMEDIAS E DRAMAS.

O desejo que muitas pessoas mostram de possuir comedias do sobredito Theatro, tanto por mera curiosidade, como para representarem em Theatros particulares, tanto de Lisboa, como das Provincias, foi que nos sugeriu a idéa da publicação do presente jornal, que sairá com regularidade. As peças que tencionâmos publicar, são todas aquellas, que no mesmo Theatro tem merecido do publico, maior e mais decedida acceitação, visto que é o verdadeiro juiz, que na nossa opinião, decide imparcialmente do merito das mesmas obras. — A sua publicação será feita em formato elegante, typo bom e claro, e optimo papel. — As comedias como deixamos dito, serão de 1 e 2 actos. Os Senhores assignantes de Lisboa pagarão por cada N.º no acto da entrega 120 rs.; e os das Provincias, pagando adiantado 1440 importe de 12 N.os teem a vantagem de receberem gratis do porte do Correio o mesmo jornal. Toda a correspondencia será dirigidia franca de porte a Izidoro José da Silva Lima, no Theatro do Gymnasio. As assignaturas tanto para Lisboa, como para as Provincias só se recebem na Casa dos Camarotes do dito Theatro, e na loja de livros do sr. João Paulo Martins Lavado, em Lisboa, Rua Augusta N.º 8.

O N.º 3 d'esta publicação será a farça em um acto:

Á PORTA DA RUA.

PREÇO 120 réis por assignatura. Avulso 160 réis.